

AS MULHERES DA DINASTIA CONSTANTINIANA NAS OBRAS DE JULIANO, AMIANO MARCELINO E FILOSTÓRGIO: Constantina e Eusébia

WOMEN OF THE CONSTANTINIAN DYNASTY IN THE WORKS OF JULIAN, AMMIANUS MARCELLINUS AND PHILOSTORGIUS: Constantina and Eusebia

Thaís de Almeida RODRIGUES¹

Resumo: Os autores tardo antigos Juliano, Amiano Marcelino e Filostórgio, nas respectivas obras *Panegírico em Honra à Imperatriz Eusébia* e *Carta ao Senado e ao Povo de Atenas, Res Gestae* e *História Eclesiástica*, apresentam perspectivas interessantes e distintas entre si das mulheres imperiais Constantina e Eusébia, pertencentes à dinastia Constantiniana. Constantina (320-354) era a filha mais velha do Imperador Constantino I e, durante o governo de seu irmão Constâncio II, interferiu em assuntos político-culturais. Assim como Eusébia, segunda esposa do já mencionado Constâncio II, cujas interferências em questões do Império impactaram a ponto de ficarem registradas em documentações textuais do período. Dessa forma, pretendemos demonstrar nesse artigo como as ações destas duas mulheres imperiais podem ser percebidas nas documentações textuais selecionadas.

Palavras-chave: Eusébia, Constantina, Juliano, Amiano Marcelino, Filostórgio.

Abstract: The late antique authors Julian, Ammianus Marcellinus, and Philostorgius, in their respective works *Panegyric in Honor of the Empress Eusebia* and *Letter to the Athenians, Res Gestae*, and *Ecclesiastical History*, offer intriguing and distinct perspectives on the imperial women Constantina and Eusebia, members of the Constantinian dynasty. Constantina (320–354), the eldest daughter of Emperor Constantine I, played an active role in political and cultural affairs during the reign of her brother, Constantius II. Similarly, Eusebia (?–360), Constantius II’s second wife, influenced imperial matters to such an extent that her actions were recorded in contemporary textual sources. This article seeks to analyze how the actions and influence of these two imperial women are represented in the selected texts, shedding light on their roles within the context of the Constantinian dynasty.

Keywords: Eusebia, Constantina, Julian, Ammianus Marcellinus, Philostorgius.

Considerações iniciais

As mulheres imperiais romanas sempre tiveram papéis fundamentais dentro de suas dinastias, como esposas, mães, mas também como conselheiras, mediadoras, representantes do poder imperial, dentre outras tantas funções possibilitadas pela posição de poder. No governo de Constâncio II (337-361), não temos como saber com exatidão quantas mulheres faziam parte da dinastia naquele momento já que não sobreviveram registros dos nomes e das ações da maioria delas e as evidências que se tem sobre algumas não é muito abundante. Nesse cenário, duas figuras femininas se destacam: Constantina (323 – 354) e Eusébia (?– 360). Respectivamente, uma das irmãs e a segunda esposa do

¹ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista (UNESP) com bolsa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, processo nº 2022/02732-8. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1130-7708>.

Imperador Constâncio II. Essas duas mulheres conseguiram ter informações suficientes sobre si e suas ações estampadas nas obras de uma boa variedade de autores do período tardo antigo, como em Juliano (331-363), Amiano Marcelino (entre 320 e 335 – 391) e Filostórgio (368 - 439). Isso significa que suas ações tiveram impacto nas questões imperiais, o que nos proporciona um rico campo de estudo para a agência das mulheres imperiais do período.

Com esse objetivo, destacamos que, em relação ao conceito de agência, adotamos a definição de Ville Vuolanto, que a descreve como a capacidade de um indivíduo ou grupo de agir intencionalmente, de forma que suas ações tenham impacto nas redes de sociabilidade e nas estruturas de poder da sociedade em que estão inseridos. O autor também pontua que "a agência individual não implica necessariamente uma ação autônoma (por exemplo, seria totalmente inviável e inútil tentar avaliar o grau de autonomia de qualquer ação em relação às restrições estruturais)" (Vuolanto, 2019, p. 42). Assim, o fato de uma mulher agir em benefício de sua família ou grupo social não reduz sua agência (Vuolanto, 2019, p. 42).

As aparições de Eusébia e Constantina nos escritos desses autores antigos merecem atenção, pois o contexto conturbado do III século e as opções políticas e propagandísticas da tetrarquia de Diocleciano levaram ao quase que desaparecimento das representações públicas das mulheres imperiais. As mulheres da primeira e segunda tetrarquias não foram retratadas em esculturas, moedas, inscrições e monumentos como parte da propaganda imperial, salvo raras exceções (Saquete, 2021). Soma-se isso ao fato de que nenhuma delas recebeu titulações como *augusta* e *mater castrorum*, muito comuns anos antes (Chen, 2018, p.42; Hillner, 2023, p.49; Waldron, 2022, p.200-101). Conforme Anne Chen, essa não é uma simples ausência, mas sim uma mensagem ideológica proposital, visões que os governadores da tetrarquia queriam transmitir (Chen, 2018, p.43).

Byron Waldron sugeriu que a falta de um descendente do sexo masculino pode ter sido umas das razões pelas quais Diocleciano demonstrou pouco apreço pela sucessão hereditária, ademais, sua origem militar humilde o colocava na posição de compartilhar das opiniões dos soldados contra esse tipo de sucessão e preferência por uma transferência de poder baseada no mérito. Como as suas escolhas dos oficiais militares Constâncio, Galério e Severo parecem contribuir com essa suposição (Waldron, 2022, p.157-159).

Quando o Império retornou para as mãos de um governante solo, com Constantino, várias mudanças foram instituídas, inclusive na propaganda imperial. Esse Imperador voltou com as tendências dinásticas, dando destaque para a participação de seus filhos

nas questões imperiais e buscou usar os instrumentos propagandísticos, como a cunhagem de moedas, panegíricos, pinturas e estátuas como forma de legitimar e fornecer estabilidade para sua família (Lenski, 2006). Por conseguinte, os papéis públicos femininos retornaram em certa medida. Com isso, figuras como de Helena, a mãe do Imperador e Fausta, sua esposa, receberam títulos como *augustas* e moedas foram cunhadas em comemoração a elas. (Waldron, 2022, p. 163).

Após a morte de Constantino, durante o governo de seus filhos, uma certa obscuridade voltou a cair sobre as mulheres da família imperial. As ações e, mesmo o nome de várias mulheres que fizeram parte da dinastia nesse período não chegaram até a atualidade. Constâncio II foi um imperador romano entre 337 e 361, porém apenas depois de 350, com a morte de seus dois irmãos, tornou-se o “único” governante. Único entre aspas, pois ocorreram proclamações de usurpadores ao longo de seu governo. Constâncio II é filho de Constantino I e herdou dele, além do império, várias questões e conflitos políticos e culturais como consequência das decisões de seu pai. Dessa maneira, o governo de Constâncio II enfrentou guerras civis, disputas de fronteiras, conflitos religiosos, entre outros problemas que exigiram que este Imperador buscasse formas de resolvê-los (Baker-Brian, 2022). Nesse sentido, Constâncio II é conhecido por ter se valido de eunucos e espiões, mas também recorreu as mulheres de sua dinastia, para auxiliá-lo nas questões imperiais (Tougher, 2020). Dessarte, gostaríamos de investigar como essas mulheres do entorno desse imperador foram representadas pelos mencionados autores.

Os autores das documentações

Juliano é, igualmente, membro da Dinastia Constantiniana, sobrevivente, junto de seu meio-irmão Galo, dos assassinatos de membros da linhagem de Teodora em 337 por obra de Constâncio II (Jul. *Ep. ad Ath.* 270c). Juliano cresceu exilado da corte (Jul. *Ep. ad Ath.* 270d e 271a-d), mas por necessidade de uma presença imperial na Gália, foi elevado a César pelo Imperador Constâncio II (Jul. *Or. II*, 121b-c) e, posteriormente, tentou usurpar o título de Augusto, todavia, como seu primo adoeceu repentinamente antes que os dois se enfrentassem no campo de batalha, tornou-se o único imperador em 362. Seu governo não durou muito já que Juliano seguiu em uma luta suicida contra os persas e morreu por conta da perfuração por um lança, que ocorreu pois não usava a proteção habitual no tronco (Carvalho, 2020). O mais relevante sobre essa figura foi a quantidade e diversidade de produções textuais deixadas por ele. Juliano deixou textos

filosóficos, sátiras, cartas, panegíricos etc. Destacamos para esse artigo seu *Panegírico em Honra à Imperatriz Eusébia* e a *Carta ao Senado e ao Povo de Atenas* que oferecem dados cruciais sobre Eusébia, principalmente, e sobre Constantina.

As *Res Gestae* de Amiano Marcelino correspondem a uma das fontes mais importantes sobre os acontecimentos da segunda metade do IV século. O autor antioquiano serviu no exército de Constâncio II e de Juliano, tendo testemunhado grande parte dos fatos que descreveu (Thompson, 1947, p. 1-19; Woods, 2009, p.364). É importante destacar que Amiano está longe de ser imparcial na sua obra, já que o seu favoritismo pelo Imperador Juliano fica bastante claro ao dedicar a maior parte de sua obra a falar bem dele, enquanto tece críticas a Constâncio II. Isso não anula a relevância de tal obra.

O autor capadócio, Filostórgio, em sua *História Eclesiástica* publicada aproximadamente em 430, apresenta um ponto de vista único em relação ao período sobre o qual escreveu já que é o único texto escrito da perspectiva de um cristão eunomeano que se tem acesso hoje. Mesmo que a sua obra tenha sobrevivido apenas em fragmentos e por meio de um epitome realizado pelo patriarca cristão Fócio do século IX, apresenta informações valiosas e, muitas vezes, singulares sobre os acontecimentos e personagens do intervalo entre os anos 300 e 425. À vista disso, analisaremos Eusébia e Constantina separadamente nos tópicos seguintes.

Constantina

O nome de Constantina aparece nas documentações a partir de seu casamento com seu primo Hanibaliano¹ em 335, quando estima-se que ela tivesse em torno de 12 anos, idade em que os romanos costumavam casar suas filhas (Hillner, 2018). Então, ela deve ter nascido entre os anos 320 e 323, filha do imperador Constantino da imperatriz Fausta. O primeiro casamento de Constantina não durou muito já que seu marido foi uma das vítimas dos assassinatos 337, quando todos os descendentes masculinos da linhagem de Teodora, segunda mulher do Imperador Constâncio I, foram eliminados. Tais assassinatos aconteceram logo após a morte de Constantino, sob ordens de seu filho Constâncio II, possivelmente buscando eliminar concorrentes na sucessão imperial. (Amm. XIV. 1. 2).

Entre a morte de seu primeiro marido e seu segundo casamento, há evidências de que Constantina residiu em Roma. As ruínas da basílica de Santa Agnes junto com o monastério e o seu Mausoléu, alguns dos prédios construídos sob o patrocínio de Constantina, ainda podem ser visitados na Via Nomentana. Conforme Michaela

Dirschlmayer, Constantina estava seguindo a “tradição feminina dos primeiros tempos cristãos” que consiste numa prática que vinha desde o III século em que as mulheres da sociedade romana coletavam ossos dos mártires cristãos para depositá-los num lugar apropriado de enterramento (Dirschlmayer, 2020, p.468). De acordo com Jill Harries, Constantina pode ter atuado na cidade seguindo o exemplo de sua avó Helena e/ou como representante de seu irmão Constante, já que Roma estava em seu território (Harries, 2014, p.2012). Além disso, Amiano Marcelino menciona que ela tinha uma vila nessa cidade, quando comenta sobre o lugar de sepultamento de sua irmã, Helena, que morreu em 360. (Amm. XXI, 1, 5). Nas documentações textuais que temos acesso, por sua vez, o nome dela não aparece por um tempo.

Constantina volta à tona no ano de 350, marcado pelo surgimento de três usurpadores. No período em que ela residiu em Roma, aquela porção do Império estava sob o poder de Constante, como mencionado anteriormente. O mais jovem dos irmãos que, anos antes, tinha conseguido derrotar o seu irmão mais velho Constantino II e assimilado o seu território, parece ter gerado descontentamento de algumas facções sob o seu poder. (Crawford, 2016, p. 65-67). Durante uma festividade que ocorria em Autun em 18 de janeiro de 350, enquanto Constante tinha se ausentado para caçar nos Pirineus, o comandante das unidades de guarda imperial *Herculiani* e *Ioviani*, chamado Magnêncio, se proclamou imperador diante de um pequeno grupo de militares e civis. (Crawford, 2016, p.71-72) Mesmo inicialmente contando apenas com o apoio de uma pequena parte do exército da Gália, Magnêncio conseguiu matar Constante e avançar rapidamente sobre o território até que em março, um obstáculo surgiu em seu caminho. Em resposta às ações de Magnêncio, no dia 01 de março daquele mesmo ano, um novo imperador havia sido declarado, Vetrânio, *magister peditum* experiente das tropas ilírias. Segundo Filostórgio, Constantina foi quem teria incentivado tal ato já que no momento da revolta de Magnêncio, Constâncio II estava em Edessa, Mesopotâmia, lutando contra os persas. Temendo que as notícias não chegassem até seu irmão a tempo, Constantina resolveu agir e, conforme o autor ariano, “ela tinha o poder de fazer isso porque o pai de todos eles, enquanto ainda vivo, a coroara com um diadema e a nomeara Augusta” (Philost. III, 22.).

Para Guzmán Armario, Constantina foi até Vetrânio enviada por Constâncio II. (Guzmán Armario, 2018, p.239) No entanto concordamos com Hillner de que não havia tempo hábil entre a usurpação de Magnêncio e o levante de Vetrânio para que as notícias tivessem chegado a Constâncio II, que se encontrava nas fronteiras orientais, e suas ordens fossem recebidas por Constantina. (Hillner, 2023). Essa afirmação de que

Constantina tinha o título de *Augusta* tem suas controvérsias entre os autores contemporâneos². Aqueles que se opõem argumentam que Filostórgio e aqueles que usaram seu trabalho como base, são os únicos textos a mencionarem esse fato. Eles também apontam que após Helena e Fausta, nenhuma mulher imperial foi honrada com qualquer título pelas próximas décadas. Por fim, Jill Harries acredita que Filostórgio estava sendo anacrônico ao atribuir tal título a Constantina, projetando na época dela a prática de conceder títulos a mulheres imperais que havia sido retomada só durante a dinastia Teodosiana (Harries, 2014, p.197).

Por outro lado, os historiadores que defendem a possibilidade de Filostórgio estar certo, apontam que Constantina teria se tornado a mulher mais importante da Dinastia após a morte de sua avó Helena e, como consequência, passou a exercer as funções imperiais que cabiam a posição que se encontrava. Desse modo, seu pai poderia ter lhe outorgado a titulação de *Augusta* para ilustrar essa importância. Ainda acrescento que Fócio, o autor do epítome, que em vários trechos apontou o que ele julgava serem afirmações errôneas de Filostórgio, não disse nada sobre talacontecimento. Considerando o vasto número de documentações que Fócio teve acesso e sua disposição em desmentir o autor ariano, é de se duvidar que ele deixaria passar qualquer oportunidade para fazer seus apontamentos.

Filostórgio segue seu relato enunciando que, ao saber o que Constantina e Vetrânio tinham feito através de cartas que ela enviou, Constâncio II teria enviado um diadema a Vetrânio para confirmar sua posição. O autor continua:

Então ele [Constâncio II] partiu para o oeste em ordem de batalha contra Magnêncio, pretendendo aliar-se a Vetrânio, mas como este mostrou sinais de rebelião, ele o capturou e despojou-o do manto imperial. O imperador não lhe fez outro mal e até o convidou a partilhar a sua mesa e depois o mandou a Prusa, na Bitínia, ordenando que fosse provido em magnífica abundância e cuidando para que não lhe faltasse nada que pudesse contribuir para o seu bem-estar. (Philost. III, 22)

Apesar dessa alegação de Filostórgio sobre Vetrânio ter apresentado sinais de rebelião, muitos historiadores ainda acreditam que foi um evento legalista, visando atrasar o avanço de Magnêncio até que Constâncio II pudesse marchar para o oriente. O apoio de Constantina e abdicação amigável de Vetrânio diante das tropas e de Constâncio II, além do perdão imperial recebido por esse usurpador, contribuem para essa vertente.

Para Pierre Maraval (2013, p. 91) Filostórgio exagera a participação de Constantina nesse evento e Jill Harries (2014) afirma que a atribuição do papel de impulsionadora da usurpação de Vetrânio a Constantina é anacrônica. Tougher (2020) discorda desses autores pois acredita que o historiador eclesiástico estava particularmente interessado em

assuntos seculares e não só religiosos, como comprovado pelas informações que ele traz sobre acontecimentos internos das casas imperiais. Sendo assim, faria sentido a preocupação de Filostórgio em registrar detalhes da vida de Constantina exclusivos de sua obra. Além do mais, Tougher complementa que “a crise de 350-351 dificilmente foi um momento para negociações como de costume e é certamente possível que Constantina tenha sido empurrada para a ação” (Tougher, 2020, p. 200). Magnêncio só foi derrotado em 353, então, enquanto Constâncio II se dedicava a combater ao usurpador, o oriente carecia de uma presença imperial. Por essa razão, o imperador nomeou seu primo Galo como César e o enviou para a Antioquia, junto com Constantina como sua esposa (Philost. III, 25). Apesar do cargo, Galo não tinha muito poder e autonomia para tomar decisões pois estava sob a supervisão de homens de confiança do Augusto (Amm. XIV).

Ao casar sua irmã com o primo, Constâncio II parece ter seguido a política de casamentos interfamiliares de seu pai. Manter as mulheres imperiais na família de origem, parecia ser uma estratégia para evitar que caso seus maridos fossem de fora estes tivessem aspirações de tomar o poder (Hillner, 2023, p.50). No caso de Constantina e Galo, ela pode ter sido posicionada ao lado do César devido a desconfiança que o imperador tinha do novo César que poderia nutrir animosidades em relação ao assassino de sua família em 337.

Se o intuito foi que Constantina servisse como conselheira e apaziguadora de Galo, a realidade foi outra. Pelo menos na perspectiva de Amiano Marcelino, considerando seu relato sobre as ações do casal em Antioquia:

A essa crueldade [de Galo] havia sido adicionado, além disso, um forte incentivo, sua esposa, que era excessivamente orgulhosa de ser irmã do Augusto, e com quem seu pai, Constantino I, havia casado com Hanibaliano, filho de seu irmão. Esta foi uma verdadeira Fúria feita mulher [*Megaera quaedam mortais*], que continuamente inflamou a raiva de seu marido, e que tinha tanta sede de sangue quanto ele. Ambos foram ganhando experiência, ao longo do tempo, na arte de fazer mal e, usando capangas astutos, que espalhavam boatos e acrescentavam falácias ao que se descobria, sempre atentos às notícias falsas de que gostavam, caluniavam inocentes com a desculpa de que desejavam poder ou usavam artes proibidas (Amm. XIV, 1, 2)

O autor antioquiano afirma que Galo e Constantina governaram de forma cruel, utilizando-se de uma rede de espiões para perseguir e assassinar membros das elites da cidade (Amm. XIV.1.8). Sob a ótica de Amiano, Galo teria feito parte do complô para derrubar o *magister equitum* Ursicinus, oficial sob quem o antioquiano serviu e a quem admirava (Amm. XIV.9). Somado a isso, o César, durante sua estadia em Antioquia, teria cometido atrocidades contra elite curial local, da qual Amiano fazia parte. Porém, como

observou Blockley, nas *Res Gestae*, Amiano cita apenas 3 nomes das “vítimas inocentes” de Galo, o que não é suficiente para se caracterizar como um banho de sangue os três anos de governo como descrito pelo antioquiano. (Blockley, 1972, p. 436)

Na visão de Filostórgio, o César Galo era um excelente militar, chegando a “causar inveja” em Constâncio II, que teria mandado seus oficiais para impedir que a reputação do César continuasse crescendo. Porém, segundo o historiador eclesiástico, os oficiais “exageraram” em suas funções e foram desrespeitosos com Galo em muitas ocasiões. Quando questionado, Mônio, um desses oficiais disse: “Você não tem autoridade nem mesmo para nomear um controlador! Como você pode matar um prefeito pretoriano?”. Então, furiosa, Constantina teria ela mesma empurrado Mônio para os soldados e deu ordens para que eles também capturassem o outro oficial, Domiciano. E aqueles “homens maus”, como disse Filostórgio, teriam sido amarrados, arrastados e enfim, executados. (Philost. III, 28)

Essas execuções teriam representado a gota d’água para Constâncio II, que convocou Galo a Milão para dar explicações. Conforme Filostórgio, mesmo temeroso por sua vida, Galo aceitou as ordens do Imperador e se dirigiu para a corte. Constantina, visando apaziguar o irmão e interceder por seu marido, teria tomado a iniciativa de partir antes dele:

Quando Constâncio soube o que havia acontecido com Mônio e Domiciano, ficou furioso e mandou chamar Galo. Galo percebeu que a convocação não era um bom sinal, mas, temendo que recusá-la significasse guerra, obedeceu à ordem. Constantina [Constantina] partiu antes dele, pois estava ansiosa para encontrar seu irmão primeiro e interceder com ele por seu marido. Mas quando ela chegou à Bitínia, a morte pôs fim tanto à sua jornada quanto à sua vida (Philost. IV, 1).

Já para Amiano ela teria se dirigido a corte a convite de Constâncio II, que teria montado uma armadilha contra Galo enviando um chamado amigável: Após esta convocação, tudo o que restava era que o César se pusesse em marcha rapidamente. De mais a mais, para afastar todas as suspeitas, Constâncio tentou, com muitos elogios fingidos, encorajar sua irmã, esposa de Galo, a ir vê-lo, dizendo que sentia falta dela há muito tempo (Amm. XIV, 11. 6).

Contudo, enquanto passava pela Bitínia, Constantina acabou falecendo devido a algum tipo de febre. Naquele momento, Galo viu suas chances de sobrevivência serem reduzidas com a morte da esposa, mesmo assim, não tinha escolha a não ser se apresentar na corte. De acordo com Filostórgio, a primeira decisão de Constâncio II em relação ao César foi mandar encarregados para despojá-lo da púrpura e bani-lo para uma das ilhas da Dalmácia (Philost. IV, 1 e 1^a). Teófilo, o índio, que estava acompanhando Galo, teria

conseguido impedir o banimento por um tempo, mas acabou causando o seu próprio banimento em seguida. Com isso, os inimigos de Galo que estavam na corte teriam articulado para convencer Constâncio II a executar seu primo. A ordem foi dada e os homens responsáveis pela execução foram enviados. Em seguida, arrependido de sua decisão, o imperador teria dado novas ordens para impedir tal castigo, todavia, secretamente, o eunuco Eusébio teria impedido que chegassem até os executores e, assim, Galo foi morto. (Philost. IV,1).

Esse ponto é muito curioso na obra de Filostórgio, pois o autor parece se desdobrar para justificar essa ação de Constâncio II. Filostórgio fica num impasse ao relatar esse ponto da história, ele nutre grande admiração pelo César Galo, que seguia o cristianismo ariano e deu suporte para vários seguidores dessa vertente cristã como Teófilo, o índio e Aécio (Philost. III, 27). Todavia, Constâncio II também é um personagem caro para o autor da História Eclesiástica, já que também professava o arianismo e atuou a favor dessa crença em várias ocasiões (Philost. III, 2-6; III, 26; IV, 3; IV, 7). Isso não impede, claro, Filostórgio de criticar algumas de suas ações, mas o faz de maneira a abrandar aquelas mais graves (Philost. IV, 1 e 1a).

Somado a tudo isso, Amiano Marcelino afirma que, com a esposa já morta, Galo teria se declarado inocente e teria colocado a culpa de todos os seus crimes em Constantina. Tal ato teria enfurecido Constâncio II ainda mais e havia lhe fornecido a razão que faltava para mandar executar o César: “Diante disso, Galo, completamente pálido, só pôde dizer que havia ordenado a execução de várias pessoas forçado por sua esposa Constantina (...)”. (Amm. XIV, 11.22). Dessa forma,

Ao saber disso, Augusto, já agitado por uma ira e cólera incontroláveis, considerou que, para garantir sua vida, era necessária a morte de Galo. Portanto, (...) condenou Galo à morte que, com as mãos amarradas como se fosse um ladrão comum, a cabeça decepada e a dignidade do rosto tirada, ali permaneceu como um cadáver deformado embora, pouco antes, tivesse causado medo em cidades e províncias. (Amm. XIV, 11.23)

Enquanto isso, Juliano reconhece a natureza rude de Galo, que teria se tornado áspero e violento devido ao sofrimento pelo qual teria passado com a morte dos familiares, crescer em exílio e a falta de educação adequada, todavia, afirma que Constâncio II teria executado seu meio-irmão sem dar-lhe a chance de um julgamento justo, o imperador estava se baseando apenas em rumores para condená-lo (Jul. Ep. Ad Ath. 271a-d). Juliano só menciona Constantina uma vez. Em sua *Carta ao Senado e ao povo de Atenas*, enquanto o autor reclama da injustiça cometida contra seus familiares,

somos informados de que Constantina e Galo tiveram uma filha (Jul. Ep. Ad Ath. 272d), no entanto não sabemos qual foi o destino dela após a morte dos pais.

A Imperatriz Eusébia

Após a derrota de Magnêncio em 353, Constâncio II, que já estava viúvo há vários anos, se casou novamente, dessa vez com uma mulher de fora da sua dinastia³. Eusébia era grega e de uma proeminente família original da cidade de Tessalônica na Macedônia (Jul. Or. III, 106c-104d). Seu pai era Flávio Eusébio que teria sido *magister equitum et peditum* durante o governo de Constâncio II e foi cônsul em 357 (Jones, Martindale e Moris, 1971, p. 307-308). Com esse casamento, é provável que o Imperador almejasse solidificar o apoio do senado oriental, estabelecido em decorrência da usurpação de Magnêncio que cortou a conexão com o senado ocidental.

A maior parte das ações da Imperatriz Eusébia retratadas pelas documentações textuais tem relação com as suas benfeitorias em relação a Juliano. Após a execução de seu meio irmão Galo, Juliano foi convocado sob suspeitas de ter conspirado com ele e ter deixado o domínio imperial de Macellum sem autorização. Mesmo tendo se encaminhado para a corte, Juliano ficou meses estacionado em uma cidade próxima a Milão esperando o Imperador chamá-lo. Essa convocação para que Juliano tivesse a oportunidade de se defender só veio quando a Imperatriz Eusébia convenceu o Imperador a conceder uma audiência a Juliano:

Mas desde que a Imperatriz ouviu a primeira palavra, não de qualquer crime, mas de uma vã suspeita, ela lhe pediu que investigasse e, antes disso, que não prestasse atenção ou aceitasse uma mentira e difamação injusta, e ela não cessou de pedir a ele até que ela conseguisse me levar à presença do Imperador e me dar uma chance de falar. (Jul. Or. III, 118 b-c)

Graças à interferência dela, Juliano provou sua inocência e foi autorizado a estudar em Atenas também por intermédio da imperatriz, que além de tudo, o presenteou com livros do interesse dele. (Jul. Or. III. 118a-d). Meses depois, Juliano foi chamado a corte novamente e a posição de César lhe foi oferecida com o apoio da Imperatriz, que teria contrariado a corte ao fazê-lo. (Amm. XV, 8,3). Juliano afirma ter hesitado, mas foi convencido por Eusébia a aceitar tal honra.

Quando o Imperador confirmou essa decisão a meu respeito, ela ficou muito contente e manifestou a sua total concordância harmoniosa, incentivando-me para que tivesse coragem e não recusasse, por medo, a grandeza do que me fora oferecido, agindo de uma franqueza rude e

demasiado presunçosa, dispensando desajeitadamente o pedido importante daquele que me concedeu tantos bens. Obedeci, suportando algo que não era nada agradável para mim, embora, por outro lado, estivesse perfeitamente ciente de como era difícil desobedecer. Porque quem tem a possibilidade de fazer o que quiser pela força, simplesmente pede algo para obrigar e convencer (Jul. Or. III, 121b-c).

Assim ele foi enviado para as Gálias, com a irmã do Imperador, Helena, como esposa e vários livros, presenteados por Eusébia. (Jul. Or. III, 124a). Filostórgio não menciona a participação de Eusébia na nomeação de Juliano como César (Philost. IV, 2). Não temos como saber se foi como foi escrito no texto original ou se foi uma omissão de Fócio, o epitomador da obra de Filostórgio.

Como César, Juliano tinha pouca autoridade e poder de decisões e, assim como Galo, ficou sob a vigilância de oficiais leais a Constâncio II (Jul. *ad Ath.* 277 a-d). Anos mais tarde, seu supervisor o acusou de imprudência e de colocar os soldados em risco com suas estratégias militares. Para se defender, escreveu um panegírico a Constâncio II e um panegírico para a Imperatriz. A estratégia parece ter funcionado e o supervisor foi substituído por outro (Amm. XVI, 11. 1).

No *Panegírico em Honra à Imperatriz Eusébia* Juliano elogia as virtudes da Imperatriz e afirma que ela influenciava Constâncio II em assuntos imperiais de maneira positiva:

Porque estas passam a ser a dupla persuasão e a dupla forma de amor, das quais Eusébia foi igualmente suprida, fazendo-se participante das decisões do Imperador que, sendo já por natureza doce, bom e benevolente, ela convida, da maneira mais adequada, a seguir o que está em sua natureza e, assim, transformar a justiça em misericórdia. Para que ninguém pudesse dizer que esta Imperatriz foi a causa de alguma pena, justa ou injusta, ou de qualquer infelicidade, pequena ou grande. (Jul. Or. III, 114 c)

Em oposição a isso, Amiano Marcelino, no capítulo em que elenca os defeitos e virtudes de Constâncio II, afirma que o imperador era manipulado por suas mulheres e eunucos: “Ele dependia completamente de suas esposas, ou das palavras sedutoras de seus eunucos e de algumas figuras da corte, que aplaudiam cada uma de suas decisões e esperavam que ele dissesse sim ou não para concordar.” (Amm. XXI,16.16)⁴. Uma das características marcantes do governo de Constâncio II foi a presença expressiva de eunucos⁵ (*cubicularii*) na corte e sua grande influência em questões imperiais. Segundo Tougher, “os eunucos que serviam na corte imperial não apenas realizavam tarefas domésticas, mas também podiam alcançar altos cargos que lhes davam um certo grau de contato e influência com o próprio imperador” (Tougher, 1997, p. 171). Ressaltamos que os governos de Diocleciano e de Constantino já contavam com um corpo de camareiros

composto por eunucos que atendiam “nos aposentos privados do imperador e da imperatriz, supervisionando as tarefas de manutenção do palácio e zelando pelo silêncio durante as reuniões do *consistorium*” (Silva, 2015, p. 65).

Em que medida as mulheres imperiais interferiam no governo de Constâncio II é difícil dizer, ainda mais levando em consideração documentações com vieses claros: o panegírico tem função elogiosa e a o autor antioquiano se opunha ao imperador. No entanto, não se pode negar que a posição delas lhes garantia algum poder. Isso posto, o casamento entre Constâncio II e Eusébia não gerou descendentes. De acordo com o historiador ariano, movido pelo amor por sua esposa, Constâncio II chama do exílio Teófilo, o índio para que este, com seu toque curativo pudesse curar Eusébia que sofria de “histeria”, nas palavras dele. Provavelmente o autor se referia a infertilidade, já que uma das causas apontadas para a morte de Eusébia foi em decorrência de um tratamento para engravidar. Filostórgio afirma que a imperatriz foi curada (Philost. IV, 7), no entanto, não há nenhuma evidência de que ela tenha dado à luz.

Amiano Marcelino relata que Eusébia, em razão de sua infertilidade, teria armado para que Helena, esposa de Juliano tomasse poções abortivas e quando ela conseguiu dar à luz a um menino, a imperatriz teria subornado a parteira para que matasse o recém-nascido (Amm. XVI, 10, 18-19). Tal relato pode ser questionado já que nem Juliano, nem Oribásio, seu médico, e nenhum outro autor do período mencionaram que Eusébia tivesse promovido tal ato. Na *Carta ao Senado e ao Povo de Atenas*, discurso escrito por Juliano para justificar a legitimidade de sua aclamação como Augusto e expor os defeitos de Constâncio II, o autor ainda opta por elogiar a sua benfeitora, que já estava morta na data da escrita:

Ele me libertou com alto custo, depois de me arrastar para lá e para cá por sete meses inteiros e me manter sob vigilância, de modo que, se não fosse por algum dos deuses, querendo me salvar, oferecendo-me, naquele momento, a benevolência da bela e boa Eusébia, sua esposa [de Constâncio II], então, eu não teria escapado de suas mãos (Jul. *Ep. ad. Ath.* 272 d)

Tougher destacou que Amiano Marcelino apresenta uma imagem contraditória da Imperatriz Eusébia. Em algumas passagens de seu texto, o antioquiano parece concordar como a visão que Juliano apresentou dela como sua salvadora. Todavia, em outras partes, como no trecho destacado anteriormente, ele a retrata como uma pessoa de má índole. Para Tougher, Amiano usou Eusébia como um recurso narrativo para explicar a ausência de filhos de Juliano e, ao mesmo tempo, ela precisava combinar perfeitamente com o caráter tirânico que o antioquiano atribuiu ao Imperador Constâncio. Simultaneamente,

Amiano estimava os irmãos da Imperatriz, Eusébio e Hipácio, por sua amizade e pelo patrocínio que o segundo forneceu ao historiador militar (Amm. XVIII, 1,1; XXI, 6, 4; XXIX, 2, 16). Caracterizando assim, na visão de Tougher, uma “imagem ambigualmente positiva” da Imperatriz. (Tougher, 2000)

Filostórgio menciona outro episódio diferente da vida da Imperatriz que não está relacionado a Juliano. O historiador ariano discorre sobre o conflito entre Eusébia e um bispo chamado Leôncio. Tougher associa esse Leôncio ao bispo de Trípoli e afirmou que o desentendimento teria ocorrido possivelmente no Concílio de Sirmio de 358 (Tougher, 2020, p.193). O bispo foi acusado de desprezar o protocolo imperial ao não prestar homenagem à recém-coroadada imperatriz e, sobretudo, por ter se recusado a se desculpar pelo ocorrido. Ela então teria se queixado com o marido pedido para que ele aplicasse alguma punição. Porém, o imperador preferiu não fazer nada contra o bispo (Philost., VII, 6a).

Em relação a morte precoce de Eusébia em 360, a maior parte dos historiadores parece concordar com o relato de João Crisóstomo que afirma que a imperatriz morreu em decorrência de um procedimento para a fertilidade. Contudo, David Woods investigou a possibilidade de que Eusébia tenha sido assassinada a pedido da esposa de um dos generais de Constâncio II que tinha inveja dela. (Woods, 2018).

Amiano conta sobre um episódio curioso que levou à execução do *magister peditum* Barbácio e sua esposa Assíria, que aconteceu em proximidade com a data da morte de Eusébia. Assíria teria enviado uma carta ao marido, que estava em campanha, relatando ter sonhado que o Imperador Constâncio morreria e seu marido se tornaria imperador e se casaria com a bela imperatriz Eusébia. Na carta, a mulher suplicava que o marido não a abandonasse pela imperatriz. (Amm. XVIII, 3, 2). Porém, a escrava a quem Assíria confiou a entrega da carta a traiu e entregou uma cópia para o *magister equitum* Arbício, que a encaminhou a Constâncio II. Como resultado, o casal foi executado através da decapitação. (Amm. XVIII, 3, 4).

Para Woods, a pressão para que Eusébia engravidasse pode tê-la levado a procurar apoio de algumas mulheres no seu entorno. Assíria poderia ser uma delas e aproveitou da ocasião para matar a Imperatriz, visando manter seu casamento. O autor explica que as ações de Assíria e a falta de medo de prejudicar a si e ao seu marido pode estar relacionado um presságio que teria presenciado (WOODS, 2018, p. 188). Amiano Marcelino relata esse presságio:

Enquanto na Gália a proteção dos deuses resolvia esses problemas, na corte de Augusto houve um turbilhão de revoltas, que começou pequena

e veio a produzir dor e lamentação. Na casa de Barbácio, que então comandava as tropas de infantaria, as abelhas formaram um enxame conspícuo. E, quando consultou os milagres angustiados sobre este fato, foi-lhe respondido que indicava grande perigo, simplesmente pela crença de que esses animais, depois de terem construído suas casas e acumulado suas riquezas, são expulsos com fumaça ou com o som estrondoso de címbalos. (Amm. XVIII, 3, 4).

Desse modo, Woods supôs que a morte da Imperatriz deu o impulso necessário para que a escrava entregasse a carta incriminadora, já que ela não o fez imediatamente. Vendo como uma oportunidade de se livrar de seus donos que, possivelmente, não a tratavam bem. (Woods, 2018, pp.188-189). O próprio autor antioquiano comenta que o casal não era bem-quisto na corte:

O referido Barbácio era um tanto rude, de intenções arrogantes e odiado por muitos, porque, mesmo enquanto comandava a escolta pessoal na época do César Galo, fora um traidor e desleal. E, após a morte de Galo, inchado pela nobreza de sua posição militar, ele também traçou intrigas semelhantes contra o César Juliano. Ademais, em face do contínuo desprezo do ilustre povo, ele sussurrou aos ouvidos do Augusto, sempre atento a ele, inúmeras acusações cruéis (Amm. XVIII. 3.6).

No obituário curto que dedica a Eusébia Amiano Marcelino a elogia por sua beleza, educação e caráter, contradizendo a imagem que ele havia transmitido anteriormente de uma pessoa capaz de cometer atrocidades contra uma mulher grávida e um recém-nascido:

Ao mesmo tempo, elegeu como esposa Faustina, pois fazia tempo que tinha perdido Eusébia, irmã dos cônsules Eusébio e Hipácio, uma mulher que se sobressaía por sua beleza e sua educação, muito humana apesar de sua posição elevada e, graças aos seus favores, como já mencionamos, Juliano foi livrado de uma situação perigosa e declarado César (Amm. XXI, 6, 4).

Esse trecho exemplifica perfeitamente o que levou Tougher a notar a imagem contraditória que o autor antioquiano nos trouxe sobre Eusébia, e como já foi discutido, Amiano acabou sendo levado por conflitos de interesse em alguns momentos. Na perspectiva de Liz James, “mulheres podem ser usadas como marionetes tanto no contexto de suas próprias histórias quanto como um meio muito fácil de elogiar ou castigar um imperador.” (James, 2016, p.106-107). No caso do texto do historiador militar, podemos notar o uso desse recurso tão comum em textos da Antiguidade. Porém, para a autora, o panegírico que Juliano escreveu para Eusébia pode ser interpretado como uma forma velada de criticar o imperador Constâncio II. Para James, quando Juliano elogia os efeitos positivos que a Imperatriz tem sobre o marido e sobre como ela influenciava nas decisões imperiais, ele estaria apontando discretamente os defeitos de

caráter do imperador e o colocando como um homem fraco (James, 2012). No entanto, essa afirmação parece subestimar a inteligência da corte imperial e do próprio Constâncio II, que certamente notariam uma crítica tão óbvia. Outrossim, seria desconsiderar o contexto da escrita do panegírico, quando Juliano precisava provar sua inocência, então ele não usaria desta ocasião para alfinetar o imperador.

Conclusão

Diante do exposto, pode-se observar que a animosidade de Amiano Marcelino para com Constâncio II e Galo parece ter se transferido para Constantina. O antioquiano, ao escrever sua história do Império Romano focada nas ações de Juliano, utiliza como recurso narrativo a contraposição dos defeitos de Constâncio II e Galo com as qualidades de Juliano para exaltar esse último (Thompson, 1947, p. 56.) Obviamente, a obra de Amiano não se resume a isso, suas *Res Gestae* contêm informações cruciais sobre os acontecimentos políticos e militares de IV século. Além do mais, é comum que os autores da antiguidade reprovem mulheres em exercício de poder, e isso pode ter contribuído para a imagem negativa que o autor tinha de Constantina. Em Filostórgio, Constantina é apresentada de forma relativamente mais positiva em comparação com o historiador militar. O historiador eclesiástico atribui agência na nomeação de Vetrânio, nas questões de Antioquia e na tentativa dela de defender Galo diante de Constâncio II que fracassou, pois ela morreu no meio do caminho. Nesse caso, a associação de Constantina com essas duas figuras parece tê-la favorecido aos olhos de Filostórgio. Os trabalhos de Juliano que chegaram aos nossos dias falam muito pouco sobre Constantina. No entanto, podemos supor que, caso ela fosse tão terrível quanto Amiano afirma e tivesse prejudicado Galo, Juliano certamente emitiria sua opinião.

Juliano nos apresenta Eusébia como o ideal de uma imperatriz. Em seu panegírico ela elogia “sua prudência e justiça, ou sua doçura e moderação, ou seu amor ao marido, ou sua liberalidade, ou sua maneira de honrar seus íntimos e parentes.” (Jul. *Or. III*, 106a-b). Assim como demonstra sua gratidão por tê-lo ajudado várias vezes, como já citamos. Inclusive, ele parece ter mantido sua estima a ela ao escrever *a Carta ao Senado e ao Povo de Atenas*, mesmo que o discurso tenha sido produzido com o objetivo de difamar Constâncio II.

Amiano Marcelino, por sua vez, construiu sua narrativa de forma com que o imperador Juliano fosse exaltado como um herói. Cada um dos personagens do seu entorno foi posicionado como antagonista e os defeitos destes servem para contrastar com

as qualidades o imperador estimado. Desse modo, Eusébia e Constantina estão associadas aos dois principais “vilões” que entraram no caminho de Juliano, então suas representações tiveram que ser negativas para se encaixar na narrativa do historiador militar. No entanto, no caso de Eusébia, Amiano tenta amenizar em alguns momentos a carga negativa dessa personagem em razão do seu conflito de interesses, considerando que ela era a salvadora de Juliano e os irmãos dela eram amigos do antioquiano. Nesse interim, a Eusébia de Filostórgio é representada de forma negativa. As benevolências dela para com Juliano, a quem o autor ariano despreza, não contaram a favor dela nesse caso. Igualmente, a querela com o bispo ariano Leôncio pode ter agravado a visão ruim que historiador eclesiástico tinha sobre ela.

Independentemente das visões negativas ou positivas sobre essas mulheres, é notável que os feitos delas repercutiram a ponto de serem registrados nos textos de autores que dificilmente dedicam espaço para falar sobre mulheres. Constantina e Eusébia chamaram atenção significativa no contexto em que viveram, o que demonstra as possibilidades de atuação política e cultural das mulheres imperiais da Dinastia Constantiniana. Por mais que autores que mencionam as mulheres imperiais tenham seus vieses e motivações para tal, muitas vezes deturpando os fatos sobre elas, o estudo das mulheres imperiais não deve ser negligenciado. Basta uma investigação mais atenta das documentações e um mundo de possibilidades de estudo pode ser encontrado.

Referências:

AMIANO MARCELINO. *Historias*. Traducción y notas de Carmen Castillo García, Concepción Alonso del Real Montes e Álvaro Sánchez-Ostiz Gutiérrez. Barcelona: Editorial Gredos, 2010. (Biblioteca Clásica Gredos, 385).

AMMIANUS MARCELLINUS. *History*. Tradução de John C. Rolfe. London: Harvard University Press, v.1, 1935. (Loeb Classical Library, 300).

AMMIANUS MARCELLINUS. *History*. Translated by John C. Rolfe. London: Harvard University Press, v. 2, 1940. (Loeb Classical Library, 315).

BAKER-BRIAN, Nicholas. *The Reign of Constantius II*. London: Routledge, 2022

BARNES, Timothy. *Constantine: Dynasty, Religion and Power in the Later Roman Empire*. West Sussex: Wiley Blackwell, 2014.

BLOCKLEY, R. C. Constantius Gallus and Julian as Caesars of Constantius II. *Latomus* 31, no. 2, 1972, p. 433–68.

CARVALHO, Margarida Maria de. Sentimentos controversos do Imperador Juliano na rota da morte: raiva, ironia e frustração (362/363 d.C.). In: CARVALHO, Margarida Maria de; OMENA, Luciane Munhoz de. (Org.). *Narrativas e Materialidades sobre a*

Morte nas Antiguidades Oriental, Clássica e Tardia. 1ed. Curitiba: CRV, 2020, p. 289-302.

CHEN, Anne Hunnell. Omitted Empresses: The (Non-)Role of Imperial Women in Tetrarchic Propaganda. *Journal of Late Antiquity*, vol. 11 no. 1, 2018, p. 42-82. *Project MUSE*, Disponível em: <https://doi.org/10.1353/jla.2018.0012>. Acesso em: 16 nov. 2024.

CRAWFORD, Peter. *Constantius II – Usurpers, Eunuchs and Antichrist*. Barnsley: Pens and Sword books, 2016.

DIRSCHLMAYER, Michaela. Women in the Family of Constantine. In: CARNEY, Elizabeth; MULLER, Sabine. (editors). *The Routledge Companion to women and Monarchy in the Ancient Mediterranean world*. London: Routledge, 2020, p.463-476.

GUZMÁN ARMARIO, Francisco Javier. Una auténtica furia hecha mujer (Amm. Marc. 14, 1, 2). Constantina en el ejercicio del poder del César Galo (351-353 d.C.). In: BRAVO, Gonzalo; PEREA YÉBENES, Sabino; FERNÁNDEZ PALACIOS, Fernando (eds.). *Mujer y Poder en la Antigua Roma*. Madrid; Salamanca: Signifer Libros, 2018, p. 237-246.

HARRIES, Jill. The Empresses' Tale, AD 300–360. In.: HARRISON, Carol; HUMPHRESS, Caroline; SANDWELL, Isabella. *Being Christian in Late Antiquity. A Festschrift for Gillian Clark*. Oxford: Oxford Academic, 2014, p.197-214.

HILLNER, Julia. Constantina, daughter of Constantine, wife of Gallus Caesar, and patron of St. Agnes at Rome. *Oxford Classical Dictionary*. 24 May. 2018; Accessed 15 Feb. 2024.
<https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-8066>.

HILLNER, Julia. *Helena Augusta. Mother of Empire*. Oxford University Press, 2023.

JAMES, Liz. Ghosts in the Machine: The Lives and Deaths of Constantinian Imperial Women. In.: NEIL, Bronwen; GARLAND, Lynda. *Questions of Gender in Byzantine Society*. London and New York: Routledge, 2016, p. 93-112.

JAMES, Liz. Is there an Empress in the Text? Julian's Speech of Thanks to Eusebia. In.: BAKER-BRIAN, TOUGHER, Tougher (eds). *Emperor and Author: The Writings of Julian the Apostate*, Swansea: Classical Press of Wales, 2012, p. 47–60.

JONES, Arnold Hugh Martin; MARTINDALE, John Robert; MORRIS, John (orgs.). *The prosopography of the Later Roman Empire*. London: Cambridge University Press, v. 1, 1971.

JULIAN. *Orationes I – V*. With an English translation by W. C. Wright. Cambridge: Harvard University Press, 1913a. (Loeb Classical Library, 13).

JULIAN. *Orationes VI – VIII*. Letters to Themistius, To the Senate and People of Athens, To a Priest. The Caesars. Misopogon. With an English translation by W. C. Wright. Cambridge: Harvard University Press, 1913b. (Loeb Classical Library, 29).

JULIANO. *Discursos I – V*. Introducción, traducción y notas por José García Blanco. Madrid: Editorial Gredos, 1979. (Biblioteca Clásica Gredos, 17).

JULIANO. *Discursos VI – XII*. Introducción, traducción y notas por José García Blanco. Madrid: Editorial Gredos, 1982. (Biblioteca Clásica Gredos, 45). 22

JULIEN. *Oeuvres Complètes*: discours de Julien César (I – V). 3 ed. Texte établi et traduit par Joseph Bidez. Paris: Les Belles Lettres, t. 1, p. 1, 2003.

LENSKI, Noel The Reign of Constantine. In.: LENSKI, Noel. *The Cambridge Companion to The Age of Constantine*. Cambridge University Press, 2006.

MARAVALL, Pierre. *Les Fils de Constantin*. Paris: CNRS Éditions, 2013.

PHILOSTORGE. *Histoire Ecclesiastique*. Traduction de Édouard des Places; Introduction, révision de la traduction, notes et index de Bruno Bleckmann, Doris Meyer et Jean-Marc Prieur. Les Éditions du Cerf, 2013.

PHILOSTORGIUS. *Church History*. Translated with an Introduction and notes by Philip R. Amidon, S. J. Leiden; Boston: Brill, 2007. IX. II.

SAQUETE, José Carlos. Las mujeres de la familia imperial y su visibilidad decreciente en la epigrafía de los siglos III y IV. PAVÓN, Pilar. *Conditio Feminae. Imágenes de la Realidad Femenina en el Mundo Romano*. Roma: Edizioni Quazar, 2021.

SILVA, Gilvan Ventura da. *Reis, Santos e Feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia 337 – 361*. 2 ed. Vitória: Editora da UFES, 2015.

SILVA, Semíramis Corsi. "Por que de galo, então, chamamos quem se castra [...]?" Interseccionalidade em representações de sacerdotes castrados no Império Romano. *Mare Nostrum*, vol. 11, nº 1, 2020.

THOMPSON, E. A. *The Historical Work of Ammianus Maecellinus*. London: Cambridge University Press, 1947.

TOUGHER Shaun. Ammianus and the eunuchs. In: DRIJVERS, Jan Willem; HUNT, David. (eds.). *The later roman world and its historian: interpreting Ammianus Marcellinus*. London: Taylor & Francis e-Library, 2005, p. 64-73.

TOUGHER, Shaun (2000). Ammianus Marcellinus on the Empress Eusebia a Split Personality? *Greece & Rome*, 47, p. 94-101.

TOUGHER, Shaun. Byzantine Eunuchs: an overview, with special reference to their creation and origin. In.: JAMES, Liz. *Women, men and Eunuchs: gender in Byzantium*. London/New York: Routledge, 1997, p.168-184.

TOUGHER, Shaun. *The Roman Castrati: Eunuchs in the Roman Empire*. London/New York/Oxford/New Delhi/Sidney: Bloomsbury Academic, 2021.

VUOLANTO, Ville. Public Agency of Women in the Later Roman World. In.: RANTALA, Jussi. *Gender, Memory, and Identity in the Roman World*. Amsterdam University Press, 2019, p.41-62.

WALDRON, Byron. *Dynastic Politics in the age of Diocletian, AD 284-311*. Edinburgh University Press, Edinburgh, 2022.

WOODS, David. Chrysostom, Ammianus, and the Death of the Empress Eusebia. *L'antiquité Classique*, Belgique, n. 87, 2018, p. 177-192.

WOODS, David. Late Antique Historiography: A Brief History of Time. In.: ROUSSEAU, Philip (editor); (with the assistance of Jutta Raithel). *A Companion to Late Antiquity*. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009, p.357-371

Artigo recebido em 16/08/2024

Aceito para publicação em 22/10/2024

Editor(a) responsável: Amanda Guimarães

¹ Hanibalino, neste mesmo ano, havia recebido de Constantino o título de nobilíssimo e de *Rex Regum et Ponticarum Gentium* (rei dos reis e do povo pântico) (Martindale, 1971, p. 407).

² Autores como Pierre Maraval (2013) e Jill Harries (2014) não acreditam que Constantina foi nomeada Augusta. Já Timothy Barnes (2014, p.219-220), Guzman Armário (2018) e Tougher (2020, p.200-201) inclinam-se a possibilidade de que Filostórgio estivesse certo.

³ A primeira esposa de Constâncio II era sua prima, filha de Júlio Constâncio e sua primeira esposa Gala, a qual não sabemos o nome. Ela deve ter morrido anos antes sem deixar descendentes.

⁴ De acordo com Shaun Tougher, Amiano não foi o único a fazer tal afirmação. Eutrópio diz a mesma coisa em seu Breviário, sem mencionar os eunucos especificamente (Eutr. 10.15) (Tougher, 2020, p.185-186).

⁵ Amiano Marcelino tinha uma verdadeira aversão aos eunucos, citados cerca de vinte vezes nos livros da *Res Gestae*, e em quase todas, o autor se refere a eles de forma negativa e para criticar o governo de Constâncio II. Por exemplo: “A estes, podemos adicionar também os eunucos restantes do palácio, cuja ambição superava os limites imagináveis naquela época e que, enquanto cumpriam suas tarefas mais íntimas, deram origem a falsas acusações através dos sussurros”. (Amm. XIV, 11, 3). Curiosamente, o pior eunuco para Amiano era Eusébio, associado diretamente a Constâncio II, considerado pelo autor militar um Imperador de má índole. Já o melhor eunuco era representado por Eutério, aquele que serviu fielmente a Juliano, Imperador que Amiano admirava (Tougher, 2005, p. 62). Para mais informações sobre os Eunucos consultar: TOUGHER, Shaun. Byzantine Eunuchs: an overview, with special reference to their creation and origin. In.: JAMES, Liz. *Women, men and Eunuchs: gender in Byzantium*. London/New York: Routledge, 1997, p.168-184; TOUGHER, Shaun. *The Roman Castrati: Eunuchs in the Roman Empire*. London/New York/Oxfors/New Delhi/Sidney: Bloomsbury Academic, 2021; SILVA, Semíramis Corsi. “Por que de galo, então, chamamos quem se castra [...]?” Interseccionalidade em representações de sacerdotes castrados no Império Romano. *Mare Nostrum*, vol. 11, nº 1, 2020.